



AGENCIA FOLHAS

Figueiredo conheceu o futuro ministro em setembro na casa de Marcílio

# Ibrahim de quê?

*Abi-Ackel, o amigo das pessoas certas, um grande orador que não discursa*



A súbita e inesperada ascensão de Ibrahim Abi-Ackel não foi súbita, nem inesperada — foi apenas discreta. Como ensina o empresário Antônio Gallotti, refinado mestre na

arte florentina do poder, ele “costura por dentro”. Costurou primeiro seu iniciador na política, Guilhermino de Oliveira, velha raposa do PSD mineiro falecido há poucos anos e íntimo amigo do general Golbery do Couto e Silva. Através de Guilhermino, costurou o ministro Golbery, sobretudo a partir de 1974: ambos começaram discutindo a sucessão mineira que desaguou em Aureliano Chaves, mas nos anos seguintes acabaram discutindo também livros e música clássica. Depois, costurou um coronel que comandava o CPOR de Belo Horizonte quando estava no segundo dos seus três mandatos como deputado estadual: era Octavio Aguiar de Medeiros, que no dia 6 estava entre seus eleitores para o Ministério da Justiça.

Abi-Ackel prosseguiu sua trajetória praticamente longe da imprensa e do público em geral, mas perto de personagens influentes. Durante o governo Medici, costurou o chefe da agência do

SNI em Belo Horizonte, Gilberto Monteiro Pessoa, uma das pessoas da maior confiança do general Golbery — hoje Pessoa preside o Tribunal de Contas da União em Brasília. Já deputado federal, costurou o general-divisão Leônidas Pires Gonçalves, a quem visitou no bloco G da superquadra 102 norte da Capital Federal. Abi-Ackel simplesmente descobriu como se monta uma florescente carreira política no Brasil atual.

Ao longo de cinco mandatos legislativos ele mostrou que é suficientemente silencioso para ter longas conversas com o general Medeiros, mas suficientemente crítico para ameaçar bandear-se para o Partido Popular (PP). Suficientemente disciplinado para votar com o governo na emenda sobre a sublegenda, da qual discordava, mas suficientemente firme para denunciar como falsa a pesquisa do presidente da Arena, senador José Sarney, sobre a opinião dos parlamentares quanto à sublegenda.

“ROUXINOL DE MANHUAÇU” — O novo ministro consolidou ainda uma reputação de grande orador, que começou a despontar no ginásio, quando passava horas no banheiro treinando a voz e deu-lhe o título de “rouxinol de Manhuaçu” quando chegou a deputado estadual pela primeira vez. Ao de-

sembarcar na capital federal em 1975, já deputado federal, passou a ser conhecido como a “patativa de Minas”, a despeito dos raros discursos com que brindou o Congresso Nacional. Ibrahim Abi-Ackel incorporou então o ensinamento pessedista de que a política se faz ao pé do ouvido: é mais uma questão de sussurros no corredor que de gritos ao microfone.

A principal contribuição de Abi-Ackel ao parlamento ficou escondida nas pilhas de papel das comissões técnicas. Nessa tarefa obscura, ele relatou as investigações da CPI sobre o sistema penitenciário e as propostas da comissão especial que fez o novo Código de Processo Penal. A essas atividades, acrescentou uma esperteza de advogado criminalista. Certa vez, defendeu um homem acusado de matar um desafeto pelas costas. Sustentou a tese de que o réu matou a vítima pela frente — o ferimento nas costas se explicava pela arma utilizada: uma foice. O réu foi absolvido por unanimidade.

A esperteza de Abi-Ackel se confirmou pela habilidade com que manteve suas ligações com ex-pessedistas mineiros dispostos ao gesto extremo de abandonar o PDS pelo PP, sem romper as oportunas relações que tem dentro do governo. Um de seus companheiros, o senador biônico Murilo Badaró, ultrapassou o limite de segurança: foi longe demais nas manifestações ostensivas de rebeldia. Abi-Ackel soube negociar em cima do muro. O líder do governo no Senado, Jarbas Passarinho perguntou-lhe no último dia 5 de

CELIO APOLINÁRIO



Abraçando Aureliano em 1974



Abi-Ackel subiu a palanques com Juscelino...



...e Tancredo Neves na campanha presidencial de 1955

dezembro se estava alinhado com o PDS. Abi-Ackel respondeu que não sabia. Semanas antes, ele acompanhara o presidente da República numa visita oficial a Itajubá, em Minas. Na despedida, o presidente virou-se para ele e perguntou: "Você fica?", referindo-se ao PDS. "Eu fico, presidente", respondeu o então deputado, referindo-se ao fato de que não voltaria para Brasília.

**VERDADEIRO PESSEDISTA** — O novo ministro exibiu em diferentes oportunidades sua capacidade de convencer interlocutores. Estudante de Direito da Faculdade do Catete, no Rio, disputou um concurso de oratória — e não só o venceu como se casou com uma das ju-

radas, Jacéa Cahú, mãe de seus dois filhos, Eliane, de 22 anos, e Paulo, de 16. Em sua primeira entrevista coletiva, na semana passada, admitiu que a Censura pode ser novamente acionada, dentro do raciocínio de que possível tudo é. Colocado diante de um caso concreto, má interpretação da letra da música "Geni", de Chico Buarque de Hollanda, que escandalizou vários amigos do falecido ministro Petrônio Portella, Abi-Ackel esquivou-se como um verdadeiro pessedista: "Não ouvi a 'Ópera do Malandro'".

Suficientemente flexível para ter amigos em variadas correntes políticas, revelou-se suficientemente hábil para deixar no passado remoto os dis-

curso que fez no mesmo palanque com Juscelino Kubitschek. Mas uma rápida pesquisa sobre as suas curtas intervenções no plenário, em cinco anos no Congresso, indicam que suas palavras não foram aliadas da treva. Em 1976, encarregado de saudar o décimosegundo aniversário da Revolução, considerou que seria fastidioso historiar seus êxitos e preferiu fustigar a oposição que fugiu do plenário. Em 1978, ao defender o general Figueiredo das entrevistas que o candidato à Presidência concedeu, ressaltou seus compromissos com a abertura política, a democracia e a liberdade.

Também Abi-Ackel perde discussões. Na noite de 26 de setembro passado, durante um jantar na casa do deputado Flávio Márcilio, ele tentou convencer os ministros Danilo Venturini e Golbery do Couto e Silva da necessidade de dois partidos do governo e da sublegenda para eleições de governador. Bem impressionados, os ministros o levaram num canto para conhecer o presidente Figueiredo, que discordou de todos os seus argumentos. Um político também precisa de sorte: ao perder essa discussão, Abi-Ackel começou a ganhar um lugar no Ministério de Figueiredo.

A principal crítica feita ao sucessor de Petrônio Portella é a sua indiscutível falta de expressão nacional, quer como político, quer como advogado — e até mesmo como esperto. As dificuldades criadas por essa falta de expressão só poderão ser medidas nos próximos meses e nada impede que elas revelem um ministro provinciano. No entanto, a história recente do Brasil ensina que ministros da Justiça expressivos, ressaltada a exceção do senador Portella, tornaram o país conhecido por sua escuridão política, legal e constitucional. Foi uma epidemia de juristas que levou o Brasil à ditadura de 1968.

## Chegou a vez da geração de Abi-Ackel

Uma geração de ministeriáveis foi sepultada com a indicação do deputado mineiro Ibrahim Abi-Ackel para o Ministério da Justiça. De agora em diante, quando surgir nova vaga, os nomes a examinar não são mais Afonso Arinos de Mello Franco, Daniel Krieger, Jarbas Passarinho, José Sarney. Nem mesmo Célio Borja, que perdeu uma chance por suas qualidades, ou Nelson Marchezan, que perdeu outra por seus defeitos. Sob a cotação de políticos que começam a chegar aos 50 anos, são confiáveis pelos critérios do governo, têm boa saúde. O fato de não serem muito conhecidos é secundário e até ajuda mais a somar que a dividir.

O baiano Prisco Vianna, 47 anos, último secretário geral da Arena, tem boa cotação para a área

social (Trabalho, Previdência, Educação). Os paulistas Raphael Baldacci, 51 anos, e Salvador Julianelli, 62 anos, foram considerados para a pasta do Trabalho antes que a escolha recaísse sobre um nome novo, o também paulista Murillo Macedo, 56 anos. Para o mesmo cargo há ainda o gaúcho Carlos Alberto Chiarelli, 39 anos, ex-secretário do Trabalho.

O deputado fluminense Álvaro Valle, 45 anos, pode ser um nome para o Ministério da Educação, enquanto o alagoano Divaldo Surruagy, 42 anos, pode ocupar uma das vagas geralmente destinadas ao nordeste. Outros deputados em ascensão: o cearense Paulo Lustosa, 34 anos, um economista bem preparado; o paranaense Norton Macedo, 44 anos; e o mineiro Hélio Garcia, 48 anos, que chegou a disputar o governo com Francelino Pereira. Chegou a vez da geração Abi-Ackel — que pode ser tomada, na caixa de lenços de papel Yes, como uma tentativa de renovação de quadros.